



## A construção da autoimagem de Plínio, o Jovem em suas *Cartas*

Leni Ribeiro Leite<sup>1</sup>  
Iana Lima Cordeiro<sup>2</sup>

### Resumo:

O objetivo deste artigo foi analisar, a partir da noção de *éthos*, a forma como Plínio, o Jovem, representa a si próprio em suas *Cartas*, a partir de quatro categorias: a) discurso direto sobre si; b) autoelogio por meio de discurso atribuído a terceiros; c) descrição de eventos para usar o próprio comportamento como modelo a ser seguido e d) desejo de ser consagrado na posteridade. Concluímos que, em suas cartas, Plínio constrói um *éthos* cujo objetivo seria amplificar seu próprio impacto no campo literário.

**Palavras-chave:** Epistolografia Romana; Representação de si; Plínio, o Jovem.

### Abstract:

With the present study, we aimed at analyzing how Pliny, the Younger, represented himself in his *Letters*, with the aid of the concept of *éthos*. Throughout the analysis, the letters were divided into four categories: a) direct speech about himself; b) self-compliment through third parties' speech; c) description of events as an excuse to use his own behavior as a role model and d) desire of surviving posterity. We also discuss Pliny's epistolographic writing as possibly written to intentionally amplify his own literary impact as an author.

**Keywords:** Epistolography; Self-representation; Pliny, the Younger.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e membro do Programa de Estudos em Representações da Antiguidade (PROAERA).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).



Da extensa obra escrita por Plínio, o Jovem, chegou até nós uma parte pequena: um único discurso, conhecido como Panegírico, e uma coleção de trezentas e cinquenta e sete cartas em prosa, divididas em dez livros. Os nove primeiros livros foram organizados pelo próprio autor e publicados em vida, enquanto o décimo contém apenas as cartas trocadas entre Plínio e o imperador Trajano, publicadas postumamente (GIESEN, 2016, p. 8-9). A leitura das epístolas de Plínio nos permite perceber a preocupação do autor com a própria imagem e com a aprovação pública de sua pessoa como governante e cidadão, e, por conseguinte, uma ênfase na recepção de seus feitos, sejam discursos, sejam atitudes expressas em situações que Plínio considera suficientemente relevantes para descrever nas cartas.

A observação frequente desta característica na obra epistolar de Plínio – a constante referência à própria imagem – nos levou a uma pesquisa mais pormenorizada, cujos resultados apresentamos neste artigo. Após uma primeira categorização e leitura, selecionamos para análise da construção da autoimagem realizada por Plínio dez cartas da coletânea epistolar pliniana (I.2, I.8, I.10, II.6, III.5, III.10, V.8, VI.17, VI.23, VII.4). Nessas cartas, é perceptível a incidência de três mecanismos frequentemente utilizados por Plínio para referir-se a si mesmo, a partir dos quais estabelecemos uma proposta de categorização das cartas: a) discurso direto sobre si; b) autoelogio por meio de discurso atribuído a terceiros; c) descrição de eventos em que o próprio comportamento surge como modelo a ser seguido. Além desses, a fortuna crítica da coleção epistolográfica pliniana<sup>3</sup> já discute, como tema frequente nas cartas, o desejo expresso por Plínio de consagrar-se na posteridade, que usamos como um quarto critério de categorização. A

---

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, Fitzgerald (2007); Gibson (2003).

análise das cartas plinianas divididas nessas quatro categorias fez emergir uma construção do próprio *éthos* na posição de notável romano em busca da imortalidade literária, como veremos a seguir.

Sherwin-White (1998, p. 1) argumenta que, assim como a *satura*, a *epistula* também deveria ser reivindicada como um gênero genuinamente romano, pois, apesar de o gênero carta já ser utilizado literariamente pelos gregos, o modelo helênico concebia a carta como um gênero aberto, em que ensaios eram escritos para serem publicados; a epístola romana, por outro lado, aproximava-se da forma como compreendemos a carta hoje: um gênero aparentemente privado, por meio do qual abordamos assuntos cotidianos pessoais ou públicos, em que há uma relação de troca, *i.e.*, a carta é escrita e enviada a alguém e espera-se que esse alguém responda com outra carta. Entretanto, uma definição acabada do gênero é uma tarefa complexa. Paralelamente ao que ocorre com outros gêneros antigos, também a carta literária tem fronteiras fugidias e de difícil definição. Segundo Gibson & Morrison, se o objetivo de estabelecer características da carta for transformá-la em uma categoria hermeticamente fechada, que tenha fronteiras claras que a separem de formas não epistolares, o esforço é em vão (GIBSON & MORRISON, 2007, p. 15): tanto pela presença de textos limítrofes quanto pela exclusão de textos que não se encaixariam em supostas condições necessárias para serem categorizados como tal, o ato de elencar características de uma carta não deve servir a propósitos excludentes, mas generalizantes, apenas.

Conforme afirma Ebbeler (2010, p. 464), as cartas da Antiguidade muitas vezes têm seu estatuto restrito ao de importantes fontes de detalhes úteis para gerações posteriores de biógrafos e historiadores, mas devemos atentar para que as cartas comuns, escritas por qualquer romano que tivesse acesso a papiros, diferem das preservadas, pertencentes a coleções e posteriormente publicadas para expor os talentos literários e a influência social de seu autor. A diferença é o ato de edição que acompanha sua incorporação à coleção, que modifica o estatuto de uma carta de gênero

cotidiano a gênero literário, e portanto parte de um campo literário<sup>4</sup> determinado e intencional. Uma vez pertencente à coleção, a carta deve ser lida em relação às outras cartas de seu autor, e não mais como apenas parte de uma conversa com seu correspondente.

Sobre o estudo das cartas plinianas, também Giesen (2016, p. 10) observa que geralmente a análise feita tem em vista a compreensão do contexto histórico, ou seja, a leitura é feita com foco nos aspectos externos à escrita das cartas. Segundo Aubrion (1989, p. 324-7), os aspectos frequentemente analisados por historiadores nas cartas de Plínio são a vida cultural e social do período, a prosopografia e o nascimento do cristianismo. Segundo ambas as autoras, os aspectos literários, linguísticos e textuais das epístolas de Plínio são relativamente pouco explorados na academia<sup>5</sup>. É um quadro, no entanto, que tende a ser revertido, uma vez que cada vez mais estudos demonstram que o texto de Plínio é um campo vasto para estudos literários, uma vez que seja ultrapassado o preconceito contra o próprio gênero: Fitzgerald (2007, p. 191) afirma a atipicidade de alguém tornar-se famoso por suas cartas, visto que o mais comum é que as cartas tornem-se interessantes a partir da fama de seu autor, como no caso de Cícero, e inclusive se pergunta o que Plínio pensaria se soubesse que sua sonhada e alcançada imortalidade não advém de seus discursos (com os quais se mostra tão preocupado em muitas cartas), ou de seu papel na sociedade romana, ou de seus poemas, mas de suas cartas. Considerando o desejo de Plínio de consagrar-se na imortalidade, Fitzgerald compreende a escrita das cartas como parte do esforço pliniano para alcançar seu objetivo e questiona se elas foram escritas com fim em si mesmas ou se foram um adjunto, substituto ou direcionamento para sua obra poética e oratória.

Durante a análise das cartas, foi instrumental o conceito de *éthos*, elementar para o processo de elaboração analítica das estratégias retóricas plinianas, visto que tal

---

<sup>4</sup> Para o conceito de campo literário de Bourdieu, cf. MAINGUENEAU, 2009, pp. 46-50.

<sup>5</sup> São exceções a esta afirmação, por exemplo, os estudos de Giesen (2016) sobre o elogio em Plínio, o Jovem, e de Marchesi (2008), que analisa a técnica de Plínio no agrupamento das cartas.

conceito relaciona-se diretamente com a construção de uma autoimagem realizada pelo orador, não restrita apenas a um contexto de discurso para uma plateia, mas aplicável a qualquer contexto de enunciação, logo, também às cartas.

O termo *éthos*, usado na Análise do Discurso moderna, tem origens clássicas, surgindo já na *Retórica* de Aristóteles. A retórica antiga compreendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferem implicitamente através de sua maneira de dizer: não o que dizem explicitamente sobre si próprios, mas “a personalidade que mostram através de sua maneira de se exprimir” (MAINGUENEAU, 1995, p. 138). Quintiliano (*Inst. Or.*, VI.2.8) opunha o termo *éthos* a *páthos*, ambos caracterizadores de emoções; *éthos* designaria as emoções calmas e gentis, enquanto *páthos*, as paixões violentas. O primeiro é contínuo, o segundo, momentâneo. De forma geral, para Quintiliano, o *éthos* requeria que seu orador tivesse bom caráter (*Inst. Or.*, VI.2.18).

Amossy (2011) esclarece essa diferença na herança da retórica romana. A autora apresenta a visão de Aristóteles, segundo a qual a imagem é construída no discurso, e o conceito segundo o entendimento dos romanos, em que o *éthos* se apoia na autoridade do seu orador, ou seja, não se trata apenas do que o orador diz, mas das palavras que ele utiliza e seu êxito em fazê-lo (Quint., *Inst. Or.*, I.6.42). Segundo a autora, a oratória romana tem por base mais Isócrates do que Aristóteles. Segundo Borges (2010, p. 11-12), Isócrates, em *Antídosis*, afirma serem mais poderosos os argumentos fornecidos pela vida do que os fornecidos pelo discurso, ideia compartilhada por Cícero e evidenciada na fala da personagem Antônio em *De Oratore*. Também Quintiliano (*Inst. Or.* XII.1.3-4) considera a vida do orador mais importante que suas palavras, afirmando, inclusive, que não é possível ser um bom orador aquele que não é um bom homem, pois o homem que escolhe os vícios às virtudes é tolo, e é ínfima a probabilidade de um tolo querer ser orador, visto que sua mente não encontraria lazer no estudo da tarefa mais nobre de todas, a não ser que fosse livre de vícios. Segundo Gibson (2003, p. 241), Plínio considerava Quintiliano um professor admirável (*Cartas*, II.14) e

conscientemente modelava-se em Cícero (*Cartas*, III.15.1, IV.8.4; CUGUSI, 1983, p. 223-225).

Concordamos com Maingueneau (2008, p. 12), que afirma que a noção de *éthos* “constitui uma dimensão de todo ato de enunciação”, ou seja, o *éthos* não se refere especificamente a um discurso feito por um orador, mas existe em todo e qualquer discurso. Nesse sentido, Plínio constrói seu *éthos* também na escrita de suas cartas: conforme Amossy (2011, p. 9), qualquer ato de enunciação é inevitavelmente impregnado de traços pessoais e, portanto, autorrepresentativo mesmo quando não fala explicitamente de si – “seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa” (AMOSSY, 2011, p. 9). Desta forma, afirmamos que em qualquer ato de enunciação estamos construindo uma autorrepresentação, mesmo que o texto não seja autofocado, pois a personalidade que queremos mostrar revela-se nos detalhes do nosso discurso, e o *éthos* construído na enunciação é em si uma forma de inscrever um enunciador no discurso: uma autorrepresentação.

A partir desta compreensão de *éthos* discursivo, nosso objetivo foi analisar a forma como Plínio constrói seu *éthos* nas *Cartas*. Gibson (2003, p. 249) já observou que, em suas cartas, Plínio não tem como horizonte o que modernamente chamaríamos de modéstia, ou seja, apresentar-se como discreto ou descrente diante das próprias qualidades e deixar que a admiração venha apenas de terceiros. Ainda Gibson reflete sobre a diferença de valores do mundo antigo em relação ao mundo moderno: no primeiro, a modéstia não era tida como uma virtude, e portanto não se poderia esperá-la do autor antigo. Convém antes considerar o interesse de Plínio na imortalidade através da literatura, esta sim um *tópos* da Antiguidade<sup>6</sup>, e o autoelogio como um movimento consciente para direcionar a opinião da posteridade sobre si, em consonância com o que afirma Artières (1998, p. 31), para quem “o arquivamento do eu não é uma prática

---

<sup>6</sup> Não só da Antiguidade, mas um *tópos* de longa fortuna, cf. KIVISTO, 2014.

neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto”.

Segundo Klinger (2012, p. 26), nos séculos I e II a escrita de si realizava-se por meio de *hupomnêmata* e correspondência. *Hupomnêmata* eram cadernetas individuais em que se anotavam citações, reflexões, pensamentos ouvidos e o que mais fosse relevante para releitura posterior; basicamente, nelas registrava-se apenas o já dito, para fins de formação de si. Já no que diz respeito à correspondência, apesar de esta ser um texto destinado a outra pessoa, ela também possibilitava o exercício pessoal, já que dar conselhos, por exemplo, era uma forma de preparar a si mesmo para situações semelhantes. Logo, a forma de Plínio se arquivar foi por meio da escrita de suas *Cartas*, e ao analisá-las devemos manter em mente que, conforme postula Rosemeyer (2001), as cartas devem ser entendidas, sobretudo, como construções textuais autoconscientes, e, como a troca de cartas na Antiguidade era também manutenção de *status*, conforme afirma Ebbeler (2010, p. 470), é natural que Plínio, na posição de membro de destaque da sociedade romana, preocupe-se com a sua imagem e faça questão de enaltecer as próprias virtudes.

Tendo em vista a elaboração dos mecanismos de autorrepresentação utilizados por Plínio em suas epístolas, as cartas em que Plínio, de alguma forma, fazia declarações que se ligassem explicitamente à imagem que fazia de si mesmo ou relatasse opiniões alheias sobre si foram selecionadas. O resultado de uma primeira análise foi o agrupamento das epístolas em quatro categorias, a partir de elementos presentes nas cartas, podendo uma carta figurar em mais de uma categoria por conter mais de uma das circunstâncias. Como representativas das categorias, analisamos com mais pormenor um conjunto de dez cartas em que os elementos puderam ser mais facilmente isolados, ficando por fim assim dividido o *corpus* de análise:

a) cartas em que há presença do discurso direto sobre si (I.2, I.8, I.10, III.5, VI.17, VI.23 e VII.4);

b) cartas em que se observa autoelogio por meio de discurso atribuído a terceiros (I.2, I.10);

c) cartas com descrição de eventos para usar o próprio comportamento como modelo a ser seguido (I.8, II.6); e

d) cartas com expressão de desejo de ser consagrado na posteridade (III.10, V.8, VII.4).

Apresentaremos a seguir, brevemente, as observações resultantes da análise sobre o *corpus* selecionado.

#### **a) Discurso direto sobre si**

Stanley Hoffer (1999 apud MORELLO, 2007, p. 169) afirma que o traço mais evidente nas epístolas plinianas é a confiança do autor, mas essa segurança apenas mascararia sua preocupação com *status*, carreira, reputação e a desejada imortalidade literária. A partir desse entendimento, as cartas analisadas apresentam trechos em que a autorreferenciação é óbvia, ou seja, há a presença de uma autodeclaração explícita em que Plínio rotula a si mesmo de alguma forma (pronome pessoal “eu” seguido de adjetivação ou descrição de algum costume). Esta circunstância é incidente em sete cartas: I.2, I.8, I.10, III.5, VI.17, VI.23, VII.4.

Na carta 2 do Livro I, Plínio faz a primeira de muitas insinuações sobre ter hábitos preguiçosos de estudo, insinuação que acaba por revelar-se exagerada se tomarmos as outras cartas, mesmo as que não estão presentes no *corpus* delimitado, já que suas referências à própria preguiça são bastantes excedidas pelas menções a trabalho e a estar muito ocupado. Fitzgerald (2007, p. 196) faz uma análise mais cuidadosa sobre a importância dada ao estudo por Plínio e seus amigos, que veem a atividade literária como o caminho para a consagração.

Na carta 8 do Livro I, Plínio pede a Pompeio Saturnino que revise um discurso que lhe causa apreensão, não pelo tema abordado, mas pelo discurso em si, pois teme que pareça presunçoso por falar de sua própria generosidade. Plínio comenta que mesmo o elogio desinteressado é mal recebido pelo público, e é ainda pior evitar uma recepção ruim quando se fala de si mesmo e de sua própria família. Esclarecendo melhor essa preocupação, Gibson (2003, p. 238) aponta que era comum que os encomiastas gregos iniciassem um prefácio elogioso sobre alguém reconhecendo que a audiência não gostava de ouvir elogios, e um dos únicos pretextos para se autoelogiar em público era no caso de autodefesa, e embora os romanos parecessem mais confortáveis com esse tipo de discurso, Quintiliano (*Inst. Or.* XI.1.15, 22) defende que, de forma geral, o elogio venha de outras pessoas, não do próprio orador. Plínio comenta com Saturnino que se perguntou se seria melhor escrever para um público ou apenas para si mesmo. Nesta mesma carta, Plínio deixa expresso seu declarado desapego material, o que fará também em outras cartas, e considera sua generosidade mais aprazível por ser guiada por princípio, não apenas mero impulso.

Na carta 10 do mesmo livro, Plínio diz não poupar os outros das vantagens que ele mesmo não pode ter, mas, pelo contrário, sentir-se realmente satisfeito em ver os amigos aproveitarem aquilo que lhe é negado. (“*Nem eu invejo os muitos bens de outros que eu não posso ter, pelo contrário: sou tomado de certa satisfação, se vejo meus amigos aproveitarem o que me é negado.*”)<sup>7</sup>. O fato de que Plínio faz tal autoafirmação já em posição de comparação às “muitas pessoas” que não agem como o próprio sugere que ele reconheça o comportamento contrário ao seu como inadequado e escolha, conscientemente, distinguir-se da regra.

Na carta 5 do Livro III, Plínio admite que é inevitável sorrir quando alguém o chama de estudioso, pois, comparado ao seu tio, ele era o mais preguiçoso dos homens.

---

<sup>7</sup> “*Neque enim ego ut multi invideo aliis bono quo ipse careo, sed contra: sensum quendam voluptatemque percipio, si ea quae mihi denegantur amicis video superesse.*” I.10.12. Todas as traduções de Plínio são de nossa autoria.

Logo após essa comparação, porém, surge o comentário: “*Serei eu o único que estende seu tempo entre serviços públicos e serviços para os amigos?*”<sup>8</sup>. Plínio se defende de uma declaração depreciativa feita por ele mesmo, o que incita no leitor a impressão de Plínio só fazer tal comentário com o intuito de ser refutado.

Na carta 17 do Livro VI, Plínio diz pessoalmente sempre respeitar e admirar qualquer pessoa que alcance algo na literatura, pois “[...] *é, de fato, difícil, árdua e exigente, e despreza quem a despreza*”<sup>9</sup>. Com base nesta afirmação, Plínio insinua uma consciência da própria audácia por tentar consagrar-se por meio de seus textos, já que reconhece como alto o nível de exigência da área.

Na carta 23 do Livro VI, temos mais um momento em que Plínio explicita sua generosidade, ao transparecer satisfação pelo eventual êxito de Cremúcio, jovem que ele queria introduzir nos tribunais: “*É costume meu para com muitos jovens brilhantes; na verdade desejo mostrar os bons jovens ao fórum, marcá-los para a fama*”<sup>10</sup>.

Na carta 4 do Livro VII, Plínio diz não ser frívolo: “*e eu mesmo confesso não ser inepto*”<sup>11</sup>. Levando em consideração a importância do *status* na Antiguidade e o papel das cartas na manutenção desse *status* devido a sua circulação pública, esse é um tipo de autoafirmação importante para Plínio, até mesmo reforçadora de todas as outras feitas.

Nas cartas aqui elencadas, temos uma impressão geral da autoimagem que Plínio descreve a seus destinatários: alguém preocupado com a conduta em relação aos outros (ou seja, tendo generosidade) e em relação a si mesmo (a autocobrança implícita no rótulo “preguiçoso”), e, por conseguinte, desejoso que os outros concordem com suas qualidades e discordem de seus defeitos.

---

<sup>8</sup> “*Ego autem tantum, quem partim publica partim amicorum officia dstringunt?*” III.5.19

<sup>9</sup> “[...] *est enim res difficilis ardua fastidiosa, et quae eos a quibus contemnitur invicem contemnat.*” VI.17.5

<sup>10</sup> “*Solitum hoc mihi et iam in pluribus claris adolescentibus factitatum; nam mire concupisco bonos iuvenes ostendere foro, adsignare famae.*” VI.23.2

<sup>11</sup> “*ut ipse fateor non ineptus*”. VII.4.1

## **b) Autoelogio por meio de discurso atribuído a terceiros**

É muito comum que Plínio transcreva em suas cartas diálogos travados com outras pessoas, faça citações diretas a opiniões alheias ou mesmo expresse opiniões alheias sobre si sem especificar quem está mencionando. Observamos esse recurso nas cartas I.2 e I.10.

Na carta 2 do Livro I, já mencionada antes, percebemos que Plínio não utiliza as próprias palavras para insinuar o sucesso de seus livros e, por conseguinte, seu talento como escritor, mas traz a opinião de terceiros - os vendedores de livros -, admitindo a possibilidade de isso ser apenas uma gentileza dos vendedores:

[...] para ser publicado também por diversos motivos, principalmente porque dizem que os livros que publiquei ainda circulam, ainda que despidos do charme da novidade; a não ser que os livreiros estejam apenas dizendo isso para me agradar. Mas certamente agradam; contanto que essa mentira favoreça minha aplicação.<sup>12</sup>

O propósito da carta é pedir a opinião de Maturo sobre um texto que lhe envia, entretanto Plínio deixa implícita sua expectativa positiva quanto à resposta do amigo, pois, por mais que peça de Maturo criticidade, termina a carta com um autoelogio vestido de opinião alheia.

Na carta 10 do Livro I, a Ácio Clemente, Plínio traz a fala do filósofo Eufrates, que lhe teria dito que ele, por colocar em prática o que um filósofo apenas ensina, participa da vida filosófica e, de fato, tem a participação mais nobre de todas:

---

<sup>12</sup> “*edendum autem ex pluribus causis, maxime quod libelli quos emisimus dicuntur in manibus esse, quamvis iam gratiam novitatis exuerint; nisi tamen auribus nostris bibliopolae bladiuntur. Sed sane blandiantur, dum per hoc mendacium nobis studia nostra commendent*”. I.2.6

Ele me consola, afirma também ser uma parte da vida filosófica, e a mais bela de todas, cuidar do negócio público, investigar, avaliar, obter e exercer justiça, e colocar em prática o que os filósofos ensinam.<sup>13</sup>

Ao trazer tal fala atribuída a Eufrates, Plínio valida seus autoelogios ao próprio caráter e dedicação ao trabalho, pois tal opinião deixa de ser apenas a forma como vê a si mesmo e passa a ser um consenso entre ele e uma figura importante como Eufrates.

### **c) Descrição de eventos para usar o próprio comportamento como modelo a ser seguido**

Conforme afirma Braund (2002, p. 21), a exemplaridade é um conceito muito importante na historiografia romana, e reflete a ideologia da elite romana de forma geral. Todo esforço era realizado para que o jovem romano seguisse o exemplo positivo de seus ancestrais, e uma prática comum de Plínio, já observada por Gibson (2003), era expressar em suas cartas situações vividas como pretexto para destacar seu comportamento como exemplar. Encontramos essa atitude nas cartas I.8 e II.6.

Na primeira carta, a Pompeio Saturnino, logo após falar com o destinatário sobre sua generosidade e seu desprendimento materialista, especifica no que emprega seu dinheiro por meio da seguinte afirmação: “[...] pois minha contribuição anual não foi para jogos ou gladiadores, mas para alimentar crianças nascidas de homens livres”<sup>14</sup>. Novamente Plínio se apresenta a partir da comparação com quem age de forma contrária, ou seja, evidenciando sua consciência sobre a ação. Em suas próprias palavras, Plínio define a criação de crianças como uma atividade que envolve *tédio e*

---

<sup>13</sup> “Ille me consolatur, adfirmat etiam esse hanc philosophiae et quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, cognoscere iudicare, promere et exercere iustitiam, quaeque ipsi doceant in usu habere”. I.10.10

<sup>14</sup> “[...] quod non ludos aut gladiatores sed annuos sumptus in alimenta ingenuorum pollicebamur”. I.8.10

*trabalho*<sup>15</sup>, e é possível perceber como essa escolha de palavras visa a valorizar ainda mais a sua contribuição, que não se destina a um evento como o jogo de gladiadores que poderia lhe recompensar com o divertimento, mas a uma atividade que, mesmo enfadonha, merece mais seu financiamento.

Juntamente com a preocupação que demonstra em afirmar seu desapego ao dinheiro, é comum encontrar nas epístolas plinianas a ênfase sobre a importância dos valores morais e do bom caráter. A carta II.6, por exemplo, é puramente descrição de uma situação de sua vivência como pretexto para que Plínio fale de sua própria virtude e nobreza de caráter. Plínio narra a Júnio Avito uma situação que viveu em um jantar na casa de um homem abastado em que houve muitas atitudes que ele desaprovava. Plínio também diz que sempre que se encontra em uma situação do tipo, a afeição que sente por Júnio o motiva a contar-lhe de forma que ele não aja da mesma forma, e finaliza “*Portanto lembre-se que nada deve ser mais evitado do que esta nova sociedade de luxúria e sujeiras; que, ainda que seja indigníssima isolada e separada, une-se de forma ainda mais indigna*”<sup>16</sup>.

É notável que Plínio demonstra valorizar o cuidado com o outro, desde realizar gestos de caridade até portar-se de maneira que não ocasione o desconforto de ninguém, mesmo quem não partilha de seu nível social. Se considerarmos algumas observações já feitas, este é um movimento natural para Plínio em sua condição de desejar que as pessoas o vejam da forma como ele mesmo se vê e, dessa forma, ganhar aprovação social unânime.

---

<sup>15</sup> “*taedium laboremque*”. I.8.11

<sup>16</sup> “*Igitur memento nihil magis esse vitandum quam istam luxuriae et sordium novam societatem; quae cum sit turpissima discreta ac separata, turpius iunguntur*”. II.6.6

#### **d) Desejo de ser consagrado na posterioridade**

A intencionalidade de publicação de Plínio é um tópico de discussão, já abordado por alguns autores como Gibson (2003) e Fitzgerald (2007), e o motivo para tal são tanto o caráter literário de suas cartas quanto a sua demonstração de interesse em ser imortalizado e lembrado por gerações futuras. É possível encontrar esse desejo expresso nas cartas III.10, V.8 e VII.4, por exemplo.

Na primeira carta, a Vetrício Espurina e Cécia, Plínio faz menção ao seu desejo de criar algo que dure para sempre, ou seja, uma homenagem ao falecido filho do casal. Plínio se compara a um pintor ou escultor que lhes pedisse direcionamentos para criar um retrato de seu filho: “*me direcionem quanto à forma, pois eu também quero tentar construir uma escultura que não seja frágil, mas imortal, como vocês pensam: mais tempo durará, quanto mais verdadeira, melhor e perfeita for*”<sup>17</sup>. Embora aqui não esteja explícita a ideia de ele, Plínio, consagrar-se eterno, há o desejo pela perenidade de sua obra, que, sem dúvida, garantiria a perenidade também de seu autor.

Na carta 8 do Livro V, a Ticínio Capitão, em que este lhe sugere que se torne historiador, Plínio deixa bem explícita a intensidade de sua vontade de conseguir se consagrar na história. Ao mesmo tempo em que diz que fará a revisão dos textos sem muita expectativa, destaca a importância de seus trabalhos estarem devidamente finalizados para o caso de ser consagrado imortalmente; ou seja, na verdade, é com muita expectativa que ele faz suas revisões. Ao fazer sua consideração a respeito de sua admiração por quem deseja ser lembrado, Plínio alude à própria limpeza de caráter, pois acredita que ter uma conduta indefectível é relevante para que o homem não tenha medo do que será dito a respeito de si pelas gerações futuras; Plínio parece totalmente destemido por acreditar em sua retidão moral.

---

<sup>17</sup> “*ita me quoque formate regite, qui non fragilem et caducam, sed immortalem, ut vos putatis, effigiem conor efficere: quae hoc diuturnior erit, quo verior melior absolutior fuerit.*” III.10.6

Por fim, na carta VII.4, Plínio diz que seus versos são lidos e imitados, “*também cantados, e adaptados para lira e cítara pelos gregos, cujo amor pelo meu livrinho os ensinou latim*”<sup>18</sup>, e a carta é finalizada com o desejo de Plínio de que a posteridade concorde que ele tenha sido um bom poeta. Percebemos aqui que, ainda que Plínio aparentemente já se sinta reconhecido contemporaneamente, por meio da influência causada por sua obra, seu objetivo continua sendo o reconhecimento póstumo de sua obra poética.

Inegavelmente, Plínio, o Jovem esforçou-se para construir uma imagem discursiva impecável no que diz respeito à exemplaridade, e essa recorrência de autoelogios é discutida entre os estudiosos do autor: mesmo Gibson (2003, p. 254), que demonstra uma postura rigorosa diante da autorrepresentação de Plínio, chegou à conclusão de que o autoelogio em Plínio é compreensível, já que é um mecanismo-chave para controlar a recepção de seus feitos pela sociedade, e esta é também nossa conclusão. Não podemos desconsiderar o contexto no qual o autor estava inserido e deixar nossas concepções e valores modernos assumirem o controle de nossa análise e simplesmente categorizar Plínio como alguém convencido, arrogante ou orgulhoso, pois essa autopropaganda era necessária para a manutenção de sua imagem em sua condição de membro de destaque na sociedade romana.

No que diz respeito à intencionalidade de publicação como motivação para a escrita das cartas plinianas, é válido considerar que isto tenha acontecido, já que o autor comenta sua admiração pela imortalidade em diversas cartas (inclusive várias que não entraram no *corpus* por nossa necessidade de trabalhar com um número limitado de cartas devido ao prazo para a conclusão deste trabalho, mas podemos citar, como exemplo, VII.20, VII.33 e IX.14) e, especialmente, a imortalidade conseguida pela produção literária. Neste sentido, pode-se pensar que Plínio imaginou as cartas como

---

<sup>18</sup> “(...) *cantatur etiam, et a Graecis quoque, quos Latine huius libelli amor docuit, nunc cithara nunc lyra personatur.*” VII.4.9

parte de sua obra, pois, certamente, não teria como prever que suas cartas constituiriam a quase totalidade de sua obra na posteridade. Contudo, é importante frisar que não é possível fazer nenhuma afirmação categórica, pois a contingência da intencionalidade é uma discussão moderna, já que este tópico não é tratado explicitamente por Plínio em nenhuma carta.

Finalmente, Plínio realizou seu sonho de sobreviver ao próprio tempo. Embora sua consagração não tenha se dado pelos motivos imaginados pelo autor, que, a julgar pelas próprias epístolas, dava mais importância a seus discursos e poemas, é digna de defesa a importância de suas cartas não apenas como fonte histórica mas principalmente como obra literária romana autêntica e rica em camadas interpretativas.

## Bibliografia

- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no Discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.
- ARTIÉRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. In: Arquivos pessoais, Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- AUBRION, E. *La Correspondance de Pline le Jeune: Problemes et orientations actuelles de la recherche*. ANRW, Berlin et New York, v. II, n. 33, p. 304-374, 1989.
- BORGES, Marlene. *A construção do ethos do orador no Pro Milone de Cícero*. In: Revista de Estudos Clássicos Codex, v.2, n.1, 2010, p. 7-21. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/download/2817/2389>. Acesso em: 12 set. 2016.
- BRAUND, Susanna. *Latin literature*. London: Routledge, 2002.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge Univ., [1978] 1987.
- CUGUSI, Pienza. *Evoluzione e Forme dell'Epistolografia Latina : nella tarda repubblica e nei primi due secoli dell'impero ; con cenni sull'epistolografia preciceroniana*. Roma: Herder, 1983.
- EBBELER, Jennifer. Letters. In: BARCHIESI, Alessandro, SCHEIDEL, Walter. *The Oxford Handbook of Roman Studies*. Oxford: Oxford University, 2010.
- FITZGERALD, William. "The Letter's The Thing (in Pliny, Book 7)". In: MORRISON, A; MORELLO, R. *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*. Oxford: Oxford University, 2007.
- GIESEN, Kátia. *O epidítico como recurso para a representação dos contemporâneos na epistolografia de Plínio, o Jovem*. 2016. 215f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

- GIBSON, Roy. "Pliny and the art of (in)offensive self-praise." *Arethusa Special Issue: Re-Imagining Pliny the Younger* 36/2(2003):235-54.
- GIBSON, Roy; MORRISON, A.D. *What is a letter?*. In: MORELLO, Ruth. *Ancient Letters - Classical and Late Antique Epistolography*. Oxford University Press: USA, 2007. p. 1-16.
- KIVISTO, Sari. The Pyramids of Poets or on Poetic (Im)mortality. In: HAKOLA, O.; KIVISTO, Sari. *Death in Literature*. Cambridge: Cambridge Scholars, 2014.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L.S (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARCHESI, Ilaria. *The Art of Pliny's Letter: A Poetic of Allusion in the Private Correspondence*. New York: Cambridge University, 2008.
- PLINY. *Letters and Panegyricus*. English Translation by Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969.
- QUINTILIAN. *Institutio Oratoria*. Trans. H. E. Butler. London: Harvard University, 1980.
- ROSEMEYER, Patricia A. *Ancient Epistolary Fictions: the Letter in Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University, 2001.
- SHERWIN-WHITE, Adrian. *The Letters of Pliny: A Historical and Social Commentary*. Oxford: Clarendon, 1998 [1966].

Recebido em Julho de 2016  
Aprovado em Setembro de 2016

